

A BATALHA



DEP. LEG.
Director interino: ALBERTO DIAS
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO
GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento sa-
manal, Lisboa, mês 9350; Província, 3 me-
ses 28850; África Portuguesa, 6 meses
66800; Estrangeiro, 6 meses 102300
PAGAMENTO ADIANTADO (AVANÇADO)

A mulher na vida social

No movimento operário tem sido sempre acaloradamente discutido o papel da mulher na vida social. O atrazo da mulher é, infelizmente, muito maior que o do homem, fazendo esta circunstância que a questão social se agrave até o infinito.

A verdade é que a emancipação da mulher não pode depender da emancipação do homem, pois não seria justo que a mulher fôsse reconhecidos direitos que a colocam numa situação de inferioridade e submissão.

Todos os indivíduos têm igual direito a conquistar e, depois, a desfrutar a sua emancipação social e económica, uma vida livre e feliz. Nenhuma rivalidade, pois, se justificará entre o homem e a mulher, nessa obra maravilhosa de emancipação.

A origem de todos os males que amarguram a vida útil dos trabalhadores pode encontrar-se facilmente na organização económica e industrial do capitalismo. Combater energeticamente o capitalismo deve ser a acção comum e solidária de todos os trabalhadores, não importando a que sexo e a que classe pertençam. Tem, portanto, de ser reconhecido à mulher o direito de conquistar na sociedade melhor situação, qualquer que seja o ramo de actividade para que a sua tendência a empurrar e a sua faculdade a experimentar.

Vítima, como o homem, da servidão do capitalismo, a mulher fica com o dever de participar na luta pela emancipação de todos os trabalhadores, a fim de que venha a usufruir, sem favor de ninguém, todos os direitos que não lhe podem ser contestados.

Notas & Comentários

O trânsito

A circulação de automóveis tem vindo a intensificar-se muito, desde há meses. O trânsito está sendo regulado, pouco a pouco, em disposições que nem sempre são bem coordenadas. O público, então, não viu ainda considerados os seus incontestáveis direitos, tendo de esperar longo tempo que esse, um momento, a circulação para poder atravessar as ruas. A polícia de trânsito não se preocupa de garantir a passagem do público e os chauffeurs, muitas vezes, não sabem prover-se um pouco de paciência e de temporização, abrindo a marcha dos carros em pontos onde a aglomeração de pessoas seja de atender.

O clima

Vive-se na ideia tradicional de que o clima português não comporta nem os calores dos trópicos nem os frios dos países nórdicos.

Afinal, a neve que ultimamente caiu em Lisboa e o frio intenso destes últimos dias vêm pôr em cheque essa cantata tradicional sobre a amenidade do clima. Veio também demonstrar a necessidade de se tomarem as medidas que contra o frio se põem em prática nos outros países. Isto de continuar proclamando a amenidade do clima só é bom para quem tem chafarizes em casa.

A saúde em Lisboa

A direcção geral de saúde determinou que, a partir de 1 de Janeiro próximo, seja obrigatória a declaração, por parte dos clínicos, da varíola, escarlatina, difteria, febre tifóide, tifo exantemático, meningite epidémica, peste, cólera e febre amarela.

A SOCIEDADE BURGUESA

Um luminoso projecto

MADRID, 29.—O ministro dos Estrangeiros, sr. Yanguas, recebeu os representantes da imprensa, perante os quais sublinhou a importância da criação do comité de relações intelectuais, cujo fim principal é cooperar no desenvolvimento intensivo das relações científicas, literárias e artísticas entre a Espanha e o estrangeiro, da mesma forma que é praticado por outros países. O ministro salientou a necessidade de prover à educação dos espanhóis residentes no estrangeiro, em conformidade com as normas seguidas nas escolas nacionais. O governo, com o fim de manter o prestígio intelectual da Espanha no estrangeiro, vai organizar, por meio deste comité, cadeiras de língua e literatura espanhola nas universidades estrangeiras. No que respeita aos espanhóis da América hispânica, o ensino recebido nas instituições locais será completado com estudos sobre a história da Espanha, dos seus monumentos e progressos.—(H.)

Quando se espera por um negócio

MADRID, 29.—O governo deliberou aguardar, até Abril do próximo ano, as propostas inglesas acerca duma redução especial das pautas alfandegárias.—(L.)

Pois sim...

PARIS, 29.—Le Temps publicou um artigo mostrando a necessidade de serem dissipadas totalmente as nuvens acasteladas entre a França e a Itália em consequência dos incidentes na fronteira.—(L.)

A QUESTÃO DA PESCA

O decreto que fixou o limite mínimo da sardinha ameaça seriamente a existência dos pescadores que utilizam as artes de chávaga, dando margem também a graves inconvenientes

O Algarve está fadado para as grandes calamidades. Primeiro foi a falta de pesca determinada pela acção destruidora das parras espanholas que espalhou a fome e a dor por aquela região outrora tão rica. Depois foi a regulamentação da mesma pesca fixando o limite mínimo da sardinha que veio complicar a situação.

Como é sabido, antes da falta de sardinha na costa do Algarve, não estava fixado o seu limite de modo que toda a sardinha, por minúscula que fosse, podia ser pescada. Mas eis que para evitar o extermínio das criações o decreto n.º 12.558 determinou que não podesse ser pescada sardinha com menos de onze centímetros.

A medida não deixou de merecer o aplauso das pessoas entendidas no assunto. As classes piscatórias e o operariado conserveiro manifestou-lhe a sua concordância visto o futuro ficar assim assegurado.

E se alguma discordância houve foi ela motivada pelo facto do decreto não fixar em doze centímetros o limite de pesca.

Porém, os inconvenientes do decreto começaram a fazer-se sentir logo que a sardinha apareceu na costa. Todas as vezes que os pescadores trouxessem na rede sardinha com menos de onze centímetros o pescador era apreendido.

Houve protestos e reclamações. Os mais justos são aqueles em que se clama contra o facto da sardinha ser apreendida por não atingir o limite, sendo depois mandada para a lota para ser vendida por determinado preço.

Por este princípio o proprietário de uma traineira pode ver o seu pescador apreendido sem que isso lhe vá causar grande susto visto que vai à lota e compra a sardinha que a Capitania mandou apreender. Neste caso só poderá haver prejuízos de ordem material, facilmente remediáveis pelo consumidor.

Surgiu depois outro inconveniente: os pequenos pescadores do litoral, aqueles que ainda se utilizam das artes de chávaga, as mais antigas do Algarve, sempre que vão ao mar correm o perigo de verem o seu trabalho inutilizado, visto que a sardinha só raras vezes atinge os tais onze centímetros fixados pelo decreto.

A situação destes pequenos pescadores é bastante crítica. Representam eles algumas centenas de pessoas que morrerão amanhã de fome se o decreto não modificar para menos o limite mínimo da sardinha.

Os pescadores do litoral algarvio, especializando os de Monte Gordo, acabam de pedir providências no sentido de poderem viver e suas famílias.

Veremos se serão atendidos.

Quando acabávamos de traçar estas linhas o nosso correspondente de Vila Real de Santo António informava-nos dum caso que vem reforçar tudo quanto escrevemos.

Na semana passada a traineira da fábrica «Parodi» pescou na costa do Algarve uns 15 botes de sardinha. Porém, como não tinha os onze centímetros a Capitania do porto ordenou a sua apreensão enviando-a para a lota a fim de ser vendida.

Por ter coberto maior lanço foi a fábrica «Ramirez» que comprou essa sardinha, revertendo o produto da sua venda, segundo dizem, a favor do cofre dos socorros a náuticos.

A firma «Parodi» considerando injusta a medida da Capitania, visto que foi dar a firma «Ramirez» uma coisa que não lhe pertencia, resolveu encerrar as suas importantes fábricas, lançando assim para a rua 1.000 operários, que se foram juntar aos 4.000 que em Vila Real de Santo António não têm trabalho.

As consequências deste gesto não se farão esperar. Aquelles milhares de famintos que constituem a família dos 1.000 despedidos ficarão amanhã privados do alimento devido à estúpida determinação de um decreto e aos rigores da Capitania.

E se providências não forem tomadas acatando os interesses dos pobres trabalhadores, ainda teremos que registar factos desagradáveis quando já não houver tempo de os evitar.

Porisso é de toda a conveniência o decreto n.º 12.558 seja, quanto antes, modificado, com o que muito se alegrarão as pessoas brutalmente atingidas pelas suas expressas determinações.

QUESTÕES SOCIAIS

A SOLIDARIEDADE E O EGOÍSMO

Dois princípios biológicos dominam em todos os agregados, desde os zoológicos aos humanos: o princípio da luta, o princípio da solidariedade. Ambos visam o duplo fim da conservação do indivíduo e da conservação da espécie.

Nos aglomerados inferiores prevalece o princípio da luta na sua expressão mais brutal, implicando-se a vitória da vida como condição de morte dos vencidos. Quasi todo o mundo dos micro-organismos está envolvido no espantoso código de pan-de-queijo; todavia, no cosmo dos infinitamente pequenos antolha-se de vez a vez o outro princípio da solidariedade que começa na associação para a luta pela vida, resplendor de um ser mais elevado e mais desenvolvidos.

Nas sociedades humanas, a luta e a solidariedade entre o indivíduo e a colectividade, entre grupos e grupos de indivíduos, entre classes e classes no mesmo país, entre nações diversas, são indício seguro do grau de evolução desde o ponto de partida, que é a mutua devoração universal, ao ponto de chegada, que será a ajuda mútua dos indivíduos.

Desde o cego instinto de conservação do homem primitivo—que vivia em um estado de guerra contínua com a humanidade que o circundava, tal qual com os lobos e os tigres—à consciência moderna mais iluminada de interesses individuais ligados, ainda que degradada às instituições económicas do egoísmo desenfreado, ao interesse colectivo—há, talvez, a mesma distância que deste último estado da evolução social moderna ao tipo superior, para o qual culminam as sociedades civilizadas.

Não haverá bem possível para um ser bem não couber a todos. Em economia, sobre o mecanismo gigantesco do trabalho dividido na forma e associado na produção tornada comum, poder-se há assentar o edifício formidável da federação mundial dos produtores, que não serão mais inimigos entre si—uma vez desaparecido o antagonismo capitalista—e serão, enfim, consumidores dos seus produtos, usufruindo em fraterno concórdia.

Porém, a distância que separa o actual estado social, que tem uma base permanente na concorrência—fase da luta capitalista—e no contraste de interesses e exploração de trabalho, do regime de solidariedade económica, será transcorrida em um prazo incomparavelmente menor.

A imprensa, o telegrafo, o vapor, os meios de transporte e comunicação aceleraram na rapidez geométrica a evolução social, aproximando da sua solução todos os problemas da vida do indivíduo e da colectividade, muito melhor que mil escolas filosóficas.

O desditoso emigrante, que arrasta o fardo da sua miséria de um extremo a outro do mundo, bem ou mal pode chegar onde antes nunca chegaria—um milionário.

sequer, e isso mostra a portentosa velocidade do movimento ascendente para aquela decisiva vitória da lei de solidariedade sobre a lei do antagonismo e da luta.

Pode-se dizer que o próprio princípio de luta evoluiu, cada vez mais, para a associação—como, por exemplo, o grande capital que vai polarizando-se até ao trust. Demonstra-se assim que se renega a escola do desenfreado canibalismo económico que parecia a última expressão de liberdade e que, foi, afinal, a mais vasta loucura do individualismo, porque criou o acaso, a astúcia e o cinismo como árbitros da vitória e pôs o consórcio social sob a espantosa tirania de um contra todos para se dizer depois todos contra um.

Com a associação de capitais por uma parte e de braços e inteligências por outra, a lei biosocial da luta vai realizar o supremo esforço de todo o passado contra todo o porvir. Esta última gigantesca guerra de interesses representa, todavia, qualquer outra coisa como a mais ampla expressão da lei de solidariedade. Mas, na história sentiram-se tão universalmente associados os interesses e os esforços de ambos os campos em antagonismo como resta colisão final entre o monopólio do capital e a reivindicação do trabalho.

Pode dizer-se, também, que a própria alma desta luta é o espírito de solidariedade, que limita todas as lutas humanas a um só e último conflito e agrupa todos os contemporâneos sob duas únicas bandeiras.

Porém, quando a restituição, a grande restituição do bem deixado à família humana, se verifica—quando o capital, no que essa expressão significa de riqueza natural ou instrumento de produção, em vez de uma arma de exploração nas mãos de poucos, seja uma organização de trabalho e de felicidade universal na posse de todos, essa benéfica força que desde o protoplasma ao organismo superior defendeu no infinito do tempo e do espaço as vidas dos seres, associando-os a seres afins, terá no mundo social a sua mais triunfal manifestação—substituindo as trágicas selecções da luta pela vida nas eras selvagens pela defesa firme das existências sociais na conquista do bem comum, contra a lei feroz dos antagonismos que semeou de tristeza e morte o caminho da história.

Pedro GORI

O sopro das tempestades

BUCAREST, 29.—Têm-se registado terribes tempestades de neve no mar Negro. O vapor «Astoria», conduzindo 22 pessoas afundou-se. O único passageiro que conseguiu salvar-se ao saber da morte da esposa e três filhos suicidou-se. O navio «Rouman» naufragou também entre Constanza e Constantinopla, morrendo toda a tripulação.—(L.)

ESCLARECENDO DOUTRINA

O SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO

Porque se não pode considerar ocupado o assunto de que me tenho vindo a ocupar, ao contrário da opinião neste jornal expressa por algum categorizado nas ideias, volto ao campo do debate a dizer de minha justiça; tanto mais quanto não achar eu que a réplica ao meu ataque tenha sido fulminante visto não haver sido fulminada coisa nenhuma—como já se viu nos meus artigos anteriores.

Sem apelar de novo para Nosso Senhor Jesus Cristo nem recorrer ao Diabo—pois que fiquei mal com ambos por me não terem ajudado a fazer luz, segundo parece, no que eu pretendia esclarecer—e sem me presumir na posse do bom senso depois do diploma que me passaram de insensatez que, pelo visto, é mal que se pega—eu, cumpri-me declarar que não tive nem deixei de ter conveniência em alegar ignorância de casos ou circunstâncias do meu conhecimento visto não me mover interesse algum em desconsiderar camaradas a quem prezo e respeito. Simplesmente, como todos estamos escrevendo para o público, necessário é que as nossas palavras sejam ponderadas de forma que não levem o mesmo público a conclusões erradas no que concerne à ideia.

Se as premissas são mal postas pelos meus contraditores, isso é com eles. Quanto a mim, aceito-as como me são apresentadas e faço as ilações que é lógico deduzirem-se de tais premissas. Assim, se algum, que se quer sindicalista, se afirma contra o princípio de Autoridade e ao mesmo tempo afirma não ser anarquista, vejo-me obrigado a concluir que as duas afirmações se contradizem; se em certas passagens defende a neutralidade, o amorismo do sindicalismo e outros, se confessa sindicalista revolucionário, tenho ainda de inferir que há incoerência nos significados dessas passagens.

Não há, pois, nenhum propósito meu, como se faz crer, em torcer os factos e fingir ignorância para fazer o meu jogo. Não sou jogador; nem mesmo de palavras. Os meus opositores pretendem que estão com a verdade nas suas afirmações. Têm esse direito. Porém, reivindicando para mim igual direito. Quem estiver de parte e seguir o nosso debate, deduzirá, depois, de que lado está a verdade.

Não confundo lastimavelmente, como se disse, nem deixo de confundir sindicalismo patronal ou burguês com sindicalismo operário. Não sei mesmo onde os críticos viram essa confusão. Creio que, nessa altura em que proliferam tal barbaridade, estavam olhando para um espelho e viram então imagens de pessoas realmente confundidas. Quem lhe desapaixonadamente o que escrevi, não encontrou essa confusão de sindicalismos, com toda a certeza.

E' devido ainda a estarem confundidos que os meus opositores julgam ver em mim o anarquismo dogmático conservador e rotineiro. (Não ponho exclamações adiante de cada adjetivo para que se não fique cego com o esplendor das luminárias...) Mas confesso que é para mim o cúmulo dos cúmulo. En, dogmático, conservador e rotineiro. Como se quisesse obrigar alguém a pensar pela minha cabeça e se, apesar de velho, não estivesse com os novos, na vanguarda. Um anarquista dogmático, conservador e rotineiro é uma descoberta que immortaliza o descobridor.

Também não afirmo que não há diferença entre libertarismo e anarquismo. Isto ainda deve ser resultado do tal maldadado espelho. Não afirmo, nem neguei. Aceitei a premissa, que me puseram, de que o libertarismo é de aspiração muito mais ampla que o anarquismo... a qual aspiração se cifra, no dizer dos dependentes, em objectivos que, a meu ver, são os mesmíssimos do anarquismo. Nestas condições e admitindo a diferença que os meus competidores assinalam entre uma coisa e outra—isto é que a primeira é muito mais ampla, que a segunda—eu concluí, como se viu, que, se os objectivos são os mesmos nos dois casos, mas com maior amplitude num que noutro, forçosamente deve ser anarquista quem for libertário.

Esta conclusão é a única que a lógica impõe. Não confundi, pois, coisa nenhuma. Mas, já agora, permitam os camaradas que lhes manifeste a minha opinião—muito pessoal evidentemente e sem eu pretender dogmatizar sobre o assunto—a respeito de anarquismo e de libertarismo; opinião que, sem dúvida, os vai deixar boquiabertos perante a minha estultícia de velho.

Julgo que, tendo o libertarismo as aspirações do anarquismo; e sendo o anarquismo a doutrina de mais largos horizontes entre as doutrinas revolucionárias, o libertarismo não pode ir mais longe que o anarquismo: porquanto o superlativo não admite gradações. Acompanhando sempre o anarquismo a evolução, o progresso, ele estará sempre no máximo grau de longitude, de alcance social e além do máximo, nada há. Portanto, ideologicamente falando, o libertarismo é a mesma coisa que anarquismo; e, assim, se este é doutrina, aquele também o é—em que pese aos meus contraditores. Por que razão, pois, os dois vocabulários? Poderá estar em erro, mas parece-me que a explicação mais lógica é a seguinte: Anarquismo, segundo a etimologia (reparem que não me arrogo foras de doutor, dogmático ou não...) nega o princípio de autoridade, não quer governo. Mas a ideologia anarquista não aspira só à destruição do poder e à anulação da sociedade capitalista; não é uma doutrina apenas demolidora; encerra princípios muito mais vastos, muito mais largos e humanos; é fundamentalmente destrutiva-constructiva, pretende destruir a organização actual e reconstruir a sociedade económica e politicamente em bases igualitárias e harmonizadoras com aspiração à plena felicidade do ser humano. Ora o vocabulário anarquismo, pela sua composição etimológica, não envolve todas estas aspirações; o vocabulário libertarismo, incluindo no seu significado a ideia de liberdade dentro da qual cabem todas as aspirações do anarquismo e sem a qual elas se não realizam, pode, talvez (?), vincar melhor o conceito anarquista. É uma hipótese minha...

Tal é a diferença que encontro entre os dois termos; diferença etimológica, repito: an, sem; arché, comando (do grego) donde se derivam anarquia e anarquismo; por outro lado libertarismo supõe vir de liberdade (do latim libertas que é o poder de agir ou não agir, de escolher, em suma). Quanto ao resto, isto é, sob o ponto de vista ideológico, julgo que ambas as palavras encerram a mesmíssima ideologia; razão, creio eu, por que muitos anarquistas as empregam indistintamente. O próprio elemento avançado, a quem os meus argüentes se referem, parece não fazer, como eles imaginam, essa tão funda diferença entre o ideal de anarquismo e o de libertarismo, porque escreve em certa altura no seu lapidário trabalho «Organização Social Sindicalista», e escreve indistintamente, os qualificativos anárquico e libertário; pois que referindo-se à actividade da vida social do povo, expõe: «Se não houvesse esse fundo permanente e destrutivo, essa organização das sociedades que poderemos com rigor chamar libertária...» e mais adiante, seis linhas: «Em todas as sociedades, em todos os tempos, há, pois, um resíduo social (o tal fundo permanente a que o autor se refere) que escapa à acção autoritária, que é essencialmente anárquico». Argumentam ainda os camaradas oponentes que eu afirmo que a «desunidade perdurou antes e depois de 1914»; e querem disto inferir que me contradigo mais adiante quando digo que «bastou a revolução russa para que os campos se estremecessem». Constatro que o tal espelho arrelviador continua a fazer das suas... Nunca mais acaba a confusão dos meus críticos. Ora passemos novamente a vista sobre o que escrevi: No meu artigo de 9 do corrente, perguntava eu, aceitando a premissa que me apresentavam de que «a unidade foi já entre nós uma realidade depois do Congresso de Tomar» (palavras exactas da mesma premissa): «Se a unidade foi um facto depois do Congresso de Tomar... porque é que a desunidade perdurou antes e depois de 1914?». Como se vê eu não afirmo nada: pergunto simplesmente e parece-me que com alguma razão: pois que se a unidade, conforme se alegou, foi um facto depois de 1914, é de inferir que ela não existia antes desse ano; ou a lógica é uma ilusão. Além disso, como assistimos, há já tempo, à desunidade depois da revolução russa e esta estalou depois de 1914, também é natural concluir que a desunidade voltou depois do referido ano. Logo é naturalíssima e lógica a minha pergunta em 9 deste mês.

Mas se perguntai, não afirmo como se diz. E, se não afirmo, não há a contradição que se alegou, nem motivo para foguetes.

se levado anarquia e anarquismo; por outro lado libertarismo supõe vir de liberdade (do latim libertas que é o poder de agir ou não agir, de escolher, em suma). Quanto ao resto, isto é, sob o ponto de vista ideológico, julgo que ambas as palavras encerram a mesmíssima ideologia; razão, creio eu, por que muitos anarquistas as empregam indistintamente.

O próprio elemento avançado, a quem os meus argüentes se referem, parece não fazer, como eles imaginam, essa tão funda diferença entre o ideal de anarquismo e o de libertarismo, porque escreve em certa altura no seu lapidário trabalho «Organização Social Sindicalista», e escreve indistintamente, os qualificativos anárquico e libertário; pois que referindo-se à actividade da vida social do povo, expõe: «Se não houvesse esse fundo permanente e destrutivo, essa organização das sociedades que poderemos com rigor chamar libertária...» e mais adiante, seis linhas: «Em todas as sociedades, em todos os tempos, há, pois, um resíduo social (o tal fundo permanente a que o autor se refere) que escapa à acção autoritária, que é essencialmente anárquico».

Argumentam ainda os camaradas oponentes que eu afirmo que a «desunidade perdurou antes e depois de 1914»; e querem disto inferir que me contradigo mais adiante quando digo que «bastou a revolução russa para que os campos se estremecessem». Constatro que o tal espelho arrelviador continua a fazer das suas... Nunca mais acaba a confusão dos meus críticos. Ora passemos novamente a vista sobre o que escrevi: No meu artigo de 9 do corrente, perguntava eu, aceitando a premissa que me apresentavam de que «a unidade foi já entre nós uma realidade depois do Congresso de Tomar» (palavras exactas da mesma premissa): «Se a unidade foi um facto depois do Congresso de Tomar... porque é que a desunidade perdurou antes e depois de 1914?». Como se vê eu não afirmo nada: pergunto simplesmente e parece-me que com alguma razão: pois que se a unidade, conforme se alegou, foi um facto depois de 1914, é de inferir que ela não existia antes desse ano; ou a lógica é uma ilusão. Além disso, como assistimos, há já tempo, à desunidade depois da revolução russa e esta estalou depois de 1914, também é natural concluir que a desunidade voltou depois do referido ano. Logo é naturalíssima e lógica a minha pergunta em 9 deste mês.

Mas se perguntai, não afirmo como se diz. E, se não afirmo, não há a contradição que se alegou, nem motivo para foguetes.

Por isso, depois de fazer aquela pergunta, baseada na afirmação dos meus opo-

sitores já citada, eu, muito mais adiante e em parágrafo diferente, e então, baseando-me em factos incontestáveis, afirmo que a tal unidade era tão pouco sentida que bastou a revolução russa para que os campos se estremecessem; isto é: para que a desunidade se restabelecesse. E com efeito, pouco tempo depois da revolução russa e na apreciação desse acontecimento importante, estabeleceu-se polémica, como se sabe, por vezes acre, que reavivou dissensões ideológicas momentaneamente apasiguadas, e, assim, se foram gradualmente separando os grupos, cavando-se, de dia para dia mais funda, a divisão dos espíritos até à separação de facto e oficial, digamos assim, marcada depois do Congresso da Covilhã; e talvez não erre se disser que já antes, no Congresso de 1919, essa separação se acentuava.

Onde está, pois, a contradição?

Maldito espelho... Como ele confunde os meus contraditores a ponto de ligarem linhas do meu arrazoado, de parágrafos diversos, desprezando o recheio intermédio para fazerem deduções... errôneas.

De resto, acentuemos mais uma vez, com os meus artífices que eu não pretendo dar lições a quem sabe mais que eu.

Apenas exponho o meu critério; aquele que pude formular, com os elementos colhidos no meu estudo de longos anos em questões sociais—o que não quer dizer que tenha tirado real proveito disso e me julgue sábio. Outros, com menos tempo de estudo, têm aproveitado muito mais que eu: o que prova a minha insuficiente capacidade.

Ao entrar na liça para este torneio ideológico e convicto de que me irei malquistar, por tal motivo, com camaradas que prezo, sem que, contudo, semelhante convicção me faça desistir de pugnar pelo que suponho ser a verdade e a justiça, sou levado a este gesto apenas pelo sentimento que tenho do dever de servir o ideal, colocando este acima de amizades e simpatias ou de vantagens materiais que disfruto ou possa vir a disfrutar.

Sou anarquista, por sentimento e por educação. Sirvo a minha ideologia conforme me sei e posso e não tão bem como desejo, eis porque me atrevo a levantar a luva que alguns, que tenho na conta de camaradas, alguns, que me iludiram, e outros que não são camaradas, atiram à face imarcescível da integridade dos princípios do sindicalismo revolucionário, que, só o pode verdadeiramente ser quando influenciado pela doutrina anárquica—influência esta, clara ou oculta, isto é: latente, que se manifesta estruturalmente, como já fiz sentir, logo na célula «sindical».

José Carlos de SOUSA.

O CONFLITO ACADEMICO

O que disse à «Batalha» sobre o assunto um aluno do Instituto Industrial e Comercial do Porto

PORTO, 29.—Encontrando ontem à noite o sr. António de Castro de Almeida Melo, aluno do Instituto Industrial e Comercial do Porto, trocámos com ele algumas palavras sobre o conflito académico, para informarmos os leitores de A Batalha.

—Então o conflito académico já terminou—perguntamos.

—Ainda não. Enquanto os governos não nos fizerem justiça, continuaremos a pugnar pelas nossas reclamações. Os Institutos Médicos têm sido atacados pela ditadura. Parece-nos que se movem detrás dos bastidores da política poderes ocultos protegendo as Escolas Superiores e declarando-nos guerra de morte.

—Sim, as reclamações das Escolas Superiores já foram atendidas enquanto que a nós nem os direitos adquiridos respeitaram!

—Mas o decreto publicado...

—Não podemos continuar porque o nosso entrevistado continuou:

—O decreto publicado é uma grande burla. Logo após a publicação deste, o sr. Alfredo da Silva, director do Instituto, foi a Lisboa, conferenciar com o antigo ministro do Comércio, sr. Passos e Sousa, para que fossem salvaguardados os direitos adquiridos aos alunos matriculados.

—Sabe que resposta lhe deu o ministro?

—?!

—Que tinha oficiado à Procuradoria Geral perguntando-lhe se os direitos adquiridos deviam ser respeitados!...

—Passados quinze ou vinte dias, a Procuradoria respondeu ao sr. ministro do Comércio, dizendo-lhe que os direitos adquiridos não deviam ser respeitados!!!

O nosso entrevistado continuava conversando, dizendo energicamente:

—Custa a acreditar que as pessoas de que se compõe esta entidade tivessem dado semelhante resposta, pois que ainda se deviam guiar pelo que diz a Constituição deste maldadado país. Mas... como estamos em ditadura, a Procuradoria Geral, teve de respeitar a vontade do ministro, porque se não arriscava-se a ser dissolvida temporariamente, porque se fôsse desejo do ministro que os direitos adquiridos fossem respeitados, salvaguardados na ocasião em que elaborou o decreto. Não foi só isto que constituiu o ataque da ditadura aos Institutos Comerciais e Industriais.

Como foram tratados os alunos

—Então?—inquirimos.

—Com a extinção do Instituto de Coimbra, segundo me informaram, fizeram: perder o futuro a mais de 40 colegas.

—?!

—Sim. Os alunos de Coimbra como na maioria eram empregados no comércio, não puderam deslocar-se para esta cidade, ficando portanto tolhida a sua carreira, que encetaram, talvez, com grande sacrifício. Por isto já vê que temos sido bastante atacados.

—Ainda há dias pensaram em mudar o

Instituto do Porto para o edifício do Liceu Rodrigues de Freitas...

—Para os alunos deste estabelecimento de ensino, o edifício não serve, segundo disse o sr. Pina Simões numa entrevista num jornal burguês, porque as paredes estão a cair. Mas... para nós serve... Calcule o pouco que fazem de nós!

—Iamos a fazer nova pergunta, mas o sr. Almeida Melo continuou:

—Neste conflito perdemos quase todas as regalias que usufruíamos, concedendo-nos apenas uma: que os alunos com o curso geral dos Institutos Comerciais pudessem matricular-se nos Institutos Superiores de Comércio, isto é, para esse efeito tornava-se equivalente ao 7.º ano dos liceus. Os diplomados com o curso médio ficaram em igualdade de circunstâncias que os alunos dos liceus, embora tenhamos mais dois anos de aturado estudo.

—!!!

—Não se admire, porque ainda lhe não contei o melhor. Olhe: Com a publicação do decreto 12.771 de 8 do corrente, que traz as bases para a organização do ensino nos Institutos Superiores de Comércio, não nos respeita os direitos adquiridos, a pesar-de os respeitar aos outros.

—Mas então o decreto respeita os direitos adquiridos de uns e dos senhores não?!

Desrespeito dos direitos adquiridos

O nosso entrevistado sorriu e exclamou: —? Não sabe que só para nós é que a Constituição está esfarrapada?

—Porquê?

—Sim, porque os senhores do Terreiro do Paço agora têm por norma o seu arbitrio.

—Não nos pode dizer em que consistiu o desrespeito dos direitos adquiridos?

—Olhe, eu lhe digo. Antes da publicação deste decreto draconiano, as habilitações exigidas para a 1.ª matrícula nos Institutos Superiores de Comércio eram o 7.º ano dos liceus ou o curso geral dos Institutos médicos, ficando, portanto, os diplomados com o curso médio prejudicados em dois anos de estudos.

O decreto 12.771, além das habilitações que lhe acabei de dizer para a 1.ª matrícula nos Institutos Superiores, exige que sejam submetidos a exame de admissão, vindos do estrangeiro, e a seguir os alunos dos Institutos Comerciais, principalmente aos que tenham o curso médio. O nosso director prometeu-nos que iria junto dos poderes públicos para que os direitos adquiridos fossem salvaguardados na organização do ensino nos Institutos Superiores de Comércio e pedir-lhe para que os conselhos escolares desdessem, por lei, obrigados a organizar um curso de dois anos para receber os diplomados com o curso médio, a exemplo do que se fez aos diplomados pelos Institutos Industriais, no Instituto Superior Técnico. Os diplomados com o curso médio têm quase tantas habi-

Teatro Apolo

Telef. 3019 N.
Companhia Almeida Cruz
HOJE e todas as noites
2 sessões 2 às 8,30 e 10,30
com a espietosa opereta

MOURARIA

em 5 actos, original de Lino Ferreira,
S. Tavares e L. Lacer, musicada
pelo maestro Filipe Duarte.

Protagonista:
Adelina Fernandes

PREÇOS POPULARÍSSIMOS

Camarotes, 35000; 20500; 10500. Fau-
teuils, 9500. Cadeiras, 6500.
Geral, 2500

TEATRO NACIONAL

Telefone N. 3049

Companhia Berta Bivar-Alves da Cunha

HOJE — HOJE

A PEÇA DE GARRETT

FREI LUIS DE SOUSA

Nos primaciais papéis:

Berta Bivar e Alves da Cunha

Comité Pró-Presos por Questões Sociais

Realiza-se em Lisboa, no dia 30 de
Janeiro próximo, a primeira con-
ferência para a constituição do
Comité Nacional de Solidarida-
de a presos e perseguidos por
questões sociais

Reuniu no passado dia 28 este Comité
para apreciar vários assuntos referentes
às conferências e resolver definitivamente
a data da Conferência de Lisboa que
se realiza no dia 30 de Janeiro.

Apreciação do relatório moral e as bases
cristãs dos Comités Nacional e Locais,
que foram aprovados por unanimidade,
e tomou conhecimento de várias adesões
às conferências de sindicatos de Lisboa e da
provincia.

Resoluiu ainda chamar a atenção dos
sindicatos a quem foi enviada a circular,
e que se não pronunciaram sobre a consti-
tuição do Comité Nacional, para que o fa-
çam dentro da possível brevidade, a fim de
não prejudicarem os trabalhos deste Comité.

Brevemente será enviada aos organismos
que deram a sua adesão à Conferência de
Lisboa, uma circular com a ordem de tra-
balhos e local onde a mesma se realiza.

O Comité espera que todos os revolu-
cionários sinceros colaborem nesta obra de
solidariedade às vítimas da luta social que
perderam a sua liberdade na defesa da
emancipação dos trabalhadores.

No próximo sábado volta o Comité a
reunir para continuação dos trabalhos pen-
dentes.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidária

Em virtude da reunião do C. Confederal
as consultas que hoje deviam ser dadas pe-
lo dr. Sobral de Campes ficam adiadas para
amanhã às 21 horas.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Cooperativa 2.ª Comuna. — Reúne ho-
je, em assembleia geral, pelas 20,30 horas,
para eleição dos corpos gerentes para 1927.
Não havendo número legal à hora indicada,
reúne 1 hora depois, conforme resolução de
uma assembleia anterior.

Doenças súbitas

Numa repartição municipal

A Sala de Observações do Banco do
Hospital de São José recolheu José Damiano
Regio, de 61 anos, 1.ª escriturário da Cá-
mara Municipal de Lisboa, e que, numa re-
partição da mesma Câmara, anexa à escola
n.º 1, foi acometido de doença súbita.

Na cadeia do Limoeiro

Vindo da cadeia do Limoeiro, deu entra-
da na enfermaria n.º 2 do Hospital do Des-
têrro, o recluso Luís Jacinto, jornalista e
natural de Dois Portos (Torres Vedras) o qual
adoeceu súbitamente naquela cadeia.

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo,
por Campos Lima, 350.

Entre Vinheiros e Pomares (novela), por
Mário Domingues, 6500.

No Sertão d'África (contos tradicionais
indígenas), por Manuel Kopeke, 6500.

A venda nas livrarias e na administração
de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença»,
rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27 — Lisboa.

litações que os des Institutos Superiores.

— Sim. O senhor julga que por serem
curros superiores o deviam ser também nos
conhecimentos. A sua superioridade está
quá o nome, tendo talvez só a mais umas
8 ou 10 cadeiras do que nós.

— Os senhores governantes, que à última
hora se armaram em legisladores, fazem o
que querem contra os fracos. Eles bem sa-
bem o que são e o que valem as leis. Teias
de aranha para os ricos e poderosos, gri-
lhões que nada poderão quebrar para os
pobres e pequenos, fios de pesca nas mãos
do governo, como dizia Paulo Eltzbacker.

E, já a terminar, pergunto:

— Que tencionam fazer?

— Continuaremos a protestar contra estas
medidas ditatoriais, esperando pela hora
da justiça que há de soar. Basta-nos a cer-
teza disso para que confiamos no futuro. — E.

TEATRO SALÃO FOZ

Matinée às 3 da tarde — Sôirée às 8,45

HOJE — DESPEDIDA — HOJE

DE

Lolita Buendia — Thomaz Vieira

e dos «leches» portugueses

Romeus e Julietas e Bonecos

CONCERTO pela F.O.Z. MELODY BAND

No «écran»: TRONO VAGO (7 partes)

AMANHÃ:

ESTREIA da grande companhia

de bailados russos

e divertimentos

Sascha Morgowa

Quêrros plásticos — 10 artistas

Grandioso repertório. Luxuosa apresentação

Lindos cenários. Deslumbrantes

efeitos de luz

CONFERÊNCIAS

'Dignificar-se e dignificar a imprensa

eis o dever do jornalista'

E' hoje que no Sindicato dos Profissio-
nais da Imprensa de Lisboa, rua do Loreto,
13, 2.ª, pelas 18 horas em ponto, realiza o
jornalista e nosso prezado camarada Pinto
Quartin a sua anunciada conferência subor-
dinada ao tema «Dignificar-se e dignificar a
imprensa, eis o dever do jornalista», cuja
entrada é pública.

O sumário desta conferência é o seguinte:
Analfabetismo e miséria industrial — Dimi-
nuição da expansão de leitura — A censura e
a carência da vida — O desprestígio da in-
stituição — A psicologia do jornalismo — A
moral dos bons autores — A criminalidade no
jornalismo — A imprensa é um bem ou é um
mal? — As responsabilidades da classe na
indiferença do público pelos jornais — A
moral dos profissionais da imprensa. —
Como dignificar o jornalismo? — Necessi-
dade de uma maior cultura geral — O senti-
mento da responsabilidade — Seleção ne-
cessária — Os intrusos.

"Fisiologia do Trabalho"

Por iniciativa da Universidade Popular
Portuguesa efectua-se hoje, pelas 21 horas,
na sede do Sindicato Unico da Construção
Civil, a Calçada do Combro, onde funciona
uma das secções da mesma Universidade,
uma conferência subordinada ao tema «Fisio-
logia do Trabalho». E' conferência de dr.
sr. João Camoes, que dissertará sobre «O
Trabalho e a Vida», sendo a entrada públi-
ca.

Edições de A SEMENTEIRA

Práticas neo-maltusianas..... 350

O sentido em que somos anarquistas..... 350

A peste religiosa..... 350

A Liberdade..... 350

A internacional (música e letra)..... 350

Pedidos à A BATALHA

ou no Cais do Sodré, 82

No hospital de São José

Um porteiro do Banco, selvagem e desumano

Foi atropelado, no sábado transacto, por
um automóvel, o vendedor de jornais Jorge
Mercuriano dos Santos, de 8 anos de idade,
morador na rua Barão de Sabrosa, 173, ten-
do recolhido depois à sala de observações
do Hospital de São José.

O pai do Raúl Mercuriano dos Santos,
que é também vendedor de jornais, acom-
panhado de alguns colegas, dirigiu-se aque-
le estabelecimento hospitalar a fim de sa-
ber o estado em que se encontrava seu fi-
lho. Foi recebido com modos bruscos e
agressivos pelo porteiro do Banco, que não
teve dúvida em expulsar todas as pessoas
que se lhe dirigiram pedindo informações,
não abrindo excepção para com a mãe do
rapazito, a pesar das súplicas que esta lhe
fez, por entre sinceras e naturais lágrimas
de dor.

O fiscal Simões não teve dúvida em cha-
mar a G. N. R., a pedido do porteiro, para
expulsar os vendedores de jornais que, ci-
ga-se de passagem, se mantiveram ordeira-
mente. A expulsão foi acompanhada de
insultos grosseiros por parte do porteiro,
insultos que não podemos reproduzir no
jornal mas que poderam ser berrados num
estabelecimento onde entram mulheres.

Esse porteiro julgara que se encontra li-
dando com selvagens — com selvagens como
ele que ali a mais estúpida ignorância os
mais ruins instintos?

O fiscal Simões não teve dúvida em cha-
mar a G. N. R., a pedido do porteiro, para
expulsar os vendedores de jornais que, ci-
ga-se de passagem, se mantiveram ordeira-
mente. A expulsão foi acompanhada de
insultos grosseiros por parte do porteiro,
insultos que não podemos reproduzir no
jornal mas que poderam ser berrados num
estabelecimento onde entram mulheres.

Esse porteiro julgara que se encontra li-
dando com selvagens — com selvagens como
ele que ali a mais estúpida ignorância os
mais ruins instintos?

O fiscal Simões não teve dúvida em cha-
mar a G. N. R., a pedido do porteiro, para
expulsar os vendedores de jornais que, ci-
ga-se de passagem, se mantiveram ordeira-
mente. A expulsão foi acompanhada de
insultos grosseiros por parte do porteiro,
insultos que não podemos reproduzir no
jornal mas que poderam ser berrados num
estabelecimento onde entram mulheres.

Esse porteiro julgara que se encontra li-
dando com selvagens — com selvagens como
ele que ali a mais estúpida ignorância os
mais ruins instintos?

O fiscal Simões não teve dúvida em cha-
mar a G. N. R., a pedido do porteiro, para
expulsar os vendedores de jornais que, ci-
ga-se de passagem, se mantiveram ordeira-
mente. A expulsão foi acompanhada de
insultos grosseiros por parte do porteiro,
insultos que não podemos reproduzir no
jornal mas que poderam ser berrados num
estabelecimento onde entram mulheres.

Esse porteiro julgara que se encontra li-
dando com selvagens — com selvagens como
ele que ali a mais estúpida ignorância os
mais ruins instintos?

O fiscal Simões não teve dúvida em cha-
mar a G. N. R., a pedido do porteiro, para
expulsar os vendedores de jornais que, ci-
ga-se de passagem, se mantiveram ordeira-
mente. A expulsão foi acompanhada de
insultos grosseiros por parte do porteiro,
insultos que não podemos reproduzir no
jornal mas que poderam ser berrados num
estabelecimento onde entram mulheres.

Esse porteiro julgara que se encontra li-
dando com selvagens — com selvagens como
ele que ali a mais estúpida ignorância os
mais ruins instintos?

O fiscal Simões não teve dúvida em cha-
mar a G. N. R., a pedido do porteiro, para
expulsar os vendedores de jornais que, ci-
ga-se de passagem, se mantiveram ordeira-
mente. A expulsão foi acompanhada de
insultos grosseiros por parte do porteiro,
insultos que não podemos reproduzir no
jornal mas que poderam ser berrados num
estabelecimento onde entram mulheres.

Esse porteiro julgara que se encontra li-
dando com selvagens — com selvagens como
ele que ali a mais estúpida ignorância os
mais ruins instintos?

O fiscal Simões não teve dúvida em cha-
mar a G. N. R., a pedido do porteiro, para
expulsar os vendedores de jornais que, ci-
ga-se de passagem, se mantiveram ordeira-
mente. A expulsão foi acompanhada de
insultos grosseiros por parte do porteiro,
insultos que não podemos reproduzir no
jornal mas que poderam ser berrados num
estabelecimento onde entram mulheres.

Esse porteiro julgara que se encontra li-
dando com selvagens — com selvagens como
ele que ali a mais estúpida ignorância os
mais ruins instintos?

O fiscal Simões não teve dúvida em cha-
mar a G. N. R., a pedido do porteiro, para
expulsar os vendedores de jornais que, ci-
ga-se de passagem, se mantiveram ordeira-
mente. A expulsão foi acompanhada de
insultos grosseiros por parte do porteiro,
insultos que não podemos reproduzir no
jornal mas que poderam ser berrados num
estabelecimento onde entram mulheres.

Esse porteiro julgara que se encontra li-
dando com selvagens — com selvagens como
ele que ali a mais estúpida ignorância os
mais ruins instintos?

O fiscal Simões não teve dúvida em cha-
mar a G. N. R., a pedido do porteiro, para
expulsar os vendedores de jornais que, ci-
ga-se de passagem, se mantiveram ordeira-
mente. A expulsão foi acompanhada de
insultos grosseiros por parte do porteiro,
insultos que não podemos reproduzir no
jornal mas que poderam ser berrados num
estabelecimento onde entram mulheres.

Esse porteiro julgara que se encontra li-
dando com selvagens — com selvagens como
ele que ali a mais estúpida ignorância os
mais ruins instintos?

O fiscal Simões não teve dúvida em cha-
mar a G. N. R., a pedido do porteiro, para
expulsar os vendedores de jornais que, ci-
ga-se de passagem, se mantiveram ordeira-
mente. A expulsão foi acompanhada de
insultos grosseiros por parte do porteiro,
insultos que não podemos reproduzir no
jornal mas que poderam ser berrados num
estabelecimento onde entram mulheres.

Esse porteiro julgara que se encontra li-
dando com selvagens — com selvagens como
ele que ali a mais estúpida ignorância os
mais ruins instintos?

O fiscal Simões não teve dúvida em cha-
mar a G. N. R., a pedido do porteiro, para
expulsar os vendedores de jornais que, ci-
ga-se de passagem, se mantiveram ordeira-
mente. A expulsão foi acompanhada de
insultos grosseiros por parte do porteiro,
insultos que não podemos reproduzir no
jornal mas que poderam ser berrados num
estabelecimento onde entram mulheres.

Esse porteiro julgara que se encontra li-
dando com selvagens — com selvagens como
ele que ali a mais estúpida ignorância os
mais ruins instintos?

O fiscal Simões não teve dúvida em cha-
mar a G. N. R., a pedido do porteiro, para
expulsar os vendedores de jornais que, ci-
ga-se de passagem, se mantiveram ordeira-
mente. A expulsão foi acompanhada de
insultos grosseiros por parte do porteiro,
insultos que não podemos reproduzir no
jornal mas que poderam ser berrados num
estabelecimento onde entram mulheres.

Esse porteiro julgara que se encontra li-
dando com selvagens — com selvagens como
ele que ali a mais estúpida ignorância os
mais ruins instintos?

O fiscal Simões não teve dúvida em cha-
mar a G. N. R., a pedido do porteiro, para
expulsar os vendedores de jornais que, ci-
ga-se de passagem, se mantiveram ordeira-
mente. A expulsão foi acompanhada de
insultos grosseiros por parte do porteiro,
insultos que não podemos reproduzir no
jornal mas que poderam ser berrados num
estabelecimento onde entram mulheres.

Esse porteiro julgara que se encontra li-
dando com selvagens — com selvagens como
ele que ali a mais estúpida ignorância os
mais ruins instintos?

O fiscal Simões não teve dúvida em cha-
mar a G. N. R., a pedido do porteiro, para
expulsar os vendedores de jornais que, ci-
ga-se de passagem, se mantiveram ordeira-
mente. A expulsão foi acompanhada de
insultos grosseiros por parte do porteiro,
insultos que não podemos reproduzir no
jornal mas que poderam ser berrados num
estabelecimento onde entram mulheres.

Esse porteiro julgara que se encontra li-
dando com selvagens — com selvagens como
ele que ali a mais estúpida ignorância os
mais ruins instintos?

O fiscal Simões não teve dúvida em cha-
mar a G. N. R., a pedido do porteiro, para
expulsar os vendedores de jornais que, ci-
ga-se de passagem, se mantiveram ordeira-
mente. A expulsão foi acompanhada de
insultos grosseiros por parte do porteiro,
insultos que não podemos reproduzir no
jornal mas que poderam ser berrados num
estabelecimento onde entram mulheres.

Esse porteiro julgara que se encontra li-
dando com selvagens — com selvagens como
ele que ali a mais estúpida ignorância os
mais ruins instintos?

O fiscal Simões não teve dúvida em cha-
mar a G. N. R., a pedido do porteiro, para
expulsar os vendedores de jornais que, ci-
ga-se de passagem, se mantiveram ordeira-
mente. A expulsão foi acompanhada de
insultos grosseiros por parte do porteiro,
insultos que não podemos reproduzir no
jornal mas que poderam ser berrados num
estabelecimento onde entram mulheres.

Esse porteiro julgara que se encontra li-
dando com selvagens — com selvagens como
ele que ali a mais estúpida ignorância os
mais ruins instintos?

O fiscal Simões não teve dúvida em cha-
mar a G. N. R., a pedido do porteiro, para
expulsar os vendedores de jornais que, ci-
ga-se de passagem, se mantiveram ordeira-
mente. A expulsão foi acompanhada de
insultos grosseiros por parte do porteiro,
insultos que não podemos reproduzir no
jornal mas que poderam ser berrados num
estabelecimento onde entram mulheres.

Esse porteiro julgara que se encontra li-
dando com selvagens — com selvagens como
ele que ali a mais estúpida ignorância os
mais ruins instintos?

O fiscal Simões não teve dúvida em cha-
mar a G. N. R., a pedido do porteiro, para
expulsar os vendedores de jornais que, ci-
ga-se de passagem, se mantiveram ordeira-
mente. A expulsão foi acompanhada de
insultos grosseiros por parte do porteiro,
insultos que não podemos reproduzir no
jornal mas que poderam ser berrados num
estabelecimento onde entram mulheres.

Esse porteiro julgara que se encontra li-
dando com selvagens — com selvagens como
ele que ali a mais estúpida ignorância os
mais ruins instintos?

O fiscal Simões não teve dúvida em cha-
mar a G. N. R., a pedido do porteiro, para
expulsar os vendedores de jornais que, ci-
ga-se de passagem, se mantiveram ordeira-
mente. A expulsão foi acompanhada de
insultos grosseiros por parte do porteiro,
insultos que não podemos reproduzir no
jornal mas que poderam ser berrados num
estabelecimento onde entram mulheres.

Esse porteiro julgara que se encontra li-
dando com selvagens — com selvagens como
ele que ali a mais estúpida ignorância os
mais ruins instintos?

O fiscal Simões não teve dúvida em cha-
mar a G. N. R., a pedido do porteiro, para
expulsar os vendedores de jornais que, ci-
ga-se de passagem, se mantiveram ordeira-
mente. A expulsão foi acompanhada de
insultos grosseiros por parte do porteiro,
insultos que não podemos reproduzir no
jornal mas que poderam ser berrados num
estabelecimento onde entram mulheres.

Esse porteiro julgara que se encontra li-
dando com selvagens — com selvagens como
ele que ali a mais estúpida ignorância os
mais ruins instintos?

O fiscal Simões não teve dúvida em cha-
mar a G. N. R., a pedido do porteiro, para
expulsar os vendedores de jornais que, ci-
ga-se de passagem, se mantiveram ordeira-
mente. A expulsão foi acompanhada de
insultos grosseiros por parte do porteiro,
insultos que não podemos reproduzir no
jornal mas que poderam ser berrados num
estabelecimento onde entram mulheres.

Esse porteiro julgara que se encontra li-
dando com selvagens — com selvagens como
ele que ali a mais estúpida ignorância os
mais ruins instintos?

O fiscal Simões não teve dúvida em cha-
mar a G. N. R., a pedido do porteiro, para
expulsar os vendedores de jornais que, ci-
ga-se de passagem, se mantiveram ordeira-
mente. A expulsão foi acompanhada de
insultos grosseiros por parte do porteiro,
insultos que não podemos reproduzir no
jornal mas que poderam ser berrados num
estabelecimento onde entram mulheres.

Esse porteiro julgara que se encontra li-
dando com selvagens — com selvagens como
ele que ali a mais estúpida ignorância os
mais ruins instintos?

O fiscal Simões não teve dúvida em cha-
mar a G. N. R., a pedido do porteiro, para
expulsar os vendedores de jornais que, ci-
ga-se de passagem, se mantiveram ordeira-
mente. A expulsão foi acompanhada de
insultos grosseiros por parte do porteiro,
insultos que não podemos reproduzir no
jornal mas que poderam ser berrados num
estabelecimento onde entram mulheres.

Esse porteiro julgara que se encontra li-
dando com selvagens — com selvagens como
ele que ali a mais estúpida ignorância os
mais ruins instintos?

O fiscal Simões não teve dúvida em cha-
mar a G. N. R., a pedido do porteiro, para
expulsar os vendedores de jornais que, ci-
ga-se de passagem, se mantiveram ordeira-
mente. A expulsão foi acompanhada de
insultos grosseiros por parte do porteiro,
insultos que não podemos reproduzir no
jornal mas que poderam ser berrados num
estabelecimento onde entram mulheres.

Esse porteiro julgara que se encontra li-
dando com selvagens — com selvagens como
ele que ali a mais estúpida ignorância os
mais ruins instintos?

O fiscal Simões não teve dúvida em cha-
mar a G. N. R., a pedido do porteiro, para
expulsar os vendedores de jornais que, ci-
ga-se de passagem, se mantiveram ordeira-
mente. A expulsão foi acompanhada de
insultos grosseiros por parte do porteiro,
insultos que não podemos reproduzir no
jornal mas que poderam ser berrados num
estabelecimento onde entram mulheres.

Esse porteiro julgara que se encontra li-
dando com selvagens — com selvagens como
ele que ali a mais estúpida ignorância os
mais ruins instintos?

O fiscal Simões não teve dúvida em cha-
mar a G. N. R., a pedido do porteiro, para
expulsar os vendedores de jornais que, ci-
ga-se de passagem, se mantiveram ordeira-
mente. A expulsão foi acompanhada de
insultos grosseiros por parte do porteiro,
insultos que não podemos reproduzir no
jornal mas que poderam ser berrados num
estabelecimento onde entram mulheres.

Esse porteiro julgara que se encontra li-
dando com selvagens — com selvagens como
ele que ali a mais estúpida ignorância os
mais ruins instintos?

O fiscal Simões não teve dúvida em cha-
mar a G. N. R., a pedido do porteiro, para
expulsar os vendedores de jornais que, ci-
ga-se de passagem, se mantiveram ordeira-
mente. A expulsão foi acompanhada de
insultos grosseiros por parte do porteiro,
insultos que não podemos reproduzir no
jornal mas que poderam ser berrados num
estabelecimento onde entram mulheres.

Esse porteiro julgara que se encontra li-
dando com selvagens — com selvagens como
ele que ali a mais estúpida ignorância os
mais ruins instintos?

O fiscal Simões não teve dúvida em cha-
mar a G. N. R., a pedido do porteiro, para
expulsar os vendedores de jornais que, ci-
ga-se de passagem, se mantiveram ordeira-
mente. A expulsão foi acompanhada de
insultos grosseiros por parte do porteiro,
insultos que não podemos reproduzir no
jornal mas que poderam ser berrados num
estabelecimento onde entram mulheres.

Esse porteiro julgara que se encontra li-
dando com selvagens — com selvagens como
ele que ali a mais estúpida ignorância os
mais ruins instintos?

Telefone N. 5474

O Ladrão de Bagdad

Visões das Mil e Uma Noites

Super-film de magia com

DOUGLAS FAIRBANKS, o criador do

Sinal do Zorro e do Robin dos Bosques

REVISTA MUNDIAL

Na matinee têm entrada gratuita

as crianças acompanhadas

de suas famílias

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

A interpretação do «Frei Luís

de Sousa»

E' verdadeiramente notável a interpre-
tação que a companhia Berta de Bivar-Alves
da Cunha está dando à peça «Frei Luís de
Sousa», de Garrett, no teatro Nacional. To-
dos os críticos têm elogiado essa nova in-
terpretação, colocando à frente os nomes
de Berta de Bivar, Alves da Cunha, Ofélia
Brochado, Ribeiro Lopes e Sacramento.
Principalmente para Berta

CAMBIOS		
Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		94575
Madrid, cheque		3900
Paris, cheque		578
St. Paulo, cheque		5579
St. Paulo, cheque		2574
New-York, cheque		10560
Amsterdão, cheque		7884
Bruxelas, cheque		389
Brasil, cheque		2535
Franga, cheque		558,5
Suécia, cheque		5824
Austria, cheque		2577
Perlim, cheque		4567

TEATROS

São Carlos.—A's 21.—Bohème. Nacional.—A's 21.—O Príncipe Orloff. Ginásio.—A's 21,30.—O caso do dia. Trindade.—A's 21,30.—O Ladrão. Politeama.—A's 21,30.—O Intimigo. Avenida.—A's 21,30.—O Pai de família. Apolo.—A's 20,30 e 22,30.—A Monarquia. Eden.—A's 20,45 e 22,45.—Cabaz de Mo-rangos. Variedades.—A's 20,30 e 22,30.—O Pinto Calpado. Maria Vitória.—20,30 e 22,30.—Sempre fixa. Coliseu.—A's 21.—Companhia de circo. Salão Foz.—A's 15 e às 20,30.—Variedades. Joaquim de Almeida.—A's 21.—Variedades.

CINEMAS

Tivoli.—Avenida da Liberdade.—Olimpia.—Matinées e soirées.—Salão Central.—Praça dos Restauradores.—Chiado Terrace.—Rua António Maria Cardoso.—Cinema Condes.—Avenida da Liberdade.—Pathé Cinema.—Rua do Loretto.—Eden Cinema.—Rua do Alívio (Alcantara).—Cine Paris.—Rua Ferreira Borges.—Alhambra.—Parque Mayer. (Variedades).—Salão Lisboa. (Mouraria).—Cine Esperança.—(Rua da Esperança).—Domingos, terças, quintas e sábados, às 20,30, animatôgrafo. —Salão da Promotora.—A's 20 horas.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 93

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões.—Dr. Armando Nar-chio.—A's 9 horas. Cirurgia, operações.—Dr. Bernardo Vilar.—Ahoras. Higiene, vírus urinários.—Dr. Miguel Magalhães.—10 horas. Pele e sífilis.—Dr. Correia Figueiredo.—11 e 5 horas. Doenças nervosas, electroterapia.—Dr. R. Loff.—2 horas. Doenças dos olhos.—Dr. Mário de Matos.—2 horas. Garganta, nariz e ouvidos.—Dr. Mário Oliveira.—12 horas. Estômago e intestinos.—Dr. Mendes Belo.—3,5 horas. Doenças das crianças.—Dr. Emilio Palma.—2 horas. Doenças das crianças.—Dr. Filipe Mano.—12 ho-ras. Tratamento de diabete.—Dr. Ernesto Roma.—3 horas. Doença e dentes.—Dr. Armando Lima.—10 horas. Cerebro e rádio.—Dr. Cabral de Melo.—1 hora. Raio X.—Dr. Alva Saldaña.—4 horas. Angiologia.—Dr. Gabriela Beato.—4 horas.

Miguel Fraga

Vende ouro, prata e objectos com brilhantes por baixo preço

Grande sortimento de monogramas de ouro e prata para carteiras

Rua da Palma, 26-28

Leilão de Penhores

R. A. M. Alegrete, 30

Recebo juros até 3 de Janeiro

A EPOPEIA DO TRABALHO

—POR—

Ferreira de Castro, com desenhos de Roberto Nobre

Esplêndido livro, que é um verdadeiro hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras. A venda nas livrarias, ao preço de 600 e, à cobrança, 750.

Pedidos à Livraria Penasença, de J. Car-doso, editor, Rua dos Poetas de São Bento, 27 e 29 e à Administração de A Batalha, calçada do Combro, 38-A, 2.ª.—Lisboa—Portugal.

Gaminhos de Ferro do Estado

DIRECÇÃO DO SUL E SUESTE

Concurso para adjudicação da exploração do bufete da estação de Beja

Faz-se público que no dia 10 de Janeiro de 1927, pelas 13 horas, na sede do Serviço de Movimento, Tráfego e Reclamações, em Barreiro, perante o respectivo engenheiro-chefe do serviço, terá lugar o concurso para a adjudicação da exploração do bufete da estação de Beja.

Para ser admitido a este concurso tem o concorrente que mostrar que efectuou na Tesouraria destes Caminhos de Ferro, o depósito provisório de 250\$000 (duzentos e cinquenta escudos), depósito que será feito até às 13 horas do dia 8.

A base de licitação é de Esc. 5.000\$000 (cinco mil escudos).

O concorrente a quem a adjudicação for feita reforçará no prazo de 5 dias, contados da data em que lhe for comunicada a aprovação, o seu depósito provisório até à percentagem necessária para prefazer 10 % (dez por cento) da importância total da adjudicação.

Os cadernos de encargos e condições estão patentes na Secção de Tráfego do Serviço de Movimento, Tráfego e Reclamações, Palácio Coimbra em Barreiro e na Secretaria da Direcção, Rua de São Mamede (ao Caldas) 63 em Lisboa, onde poderão ser examinados em todos os dias úteis das 11 às 16 horas.

Lisboa, 21 de Dezembro de 1926.—O Engenheiro-Director, Indício Pimentel.

Concurso para a adjudicação da exploração do serviço do bufete da estação de Casa Branca

Faz-se público que no dia 10 de Janeiro de 1927, pelas 13 horas, na sede do Serviço de Movimento, Tráfego e Reclamações, em Barreiro, perante o respectivo Engenheiro-Chefe do Serviço, terá lugar o concurso para a adjudicação da exploração do serviço do bufete da estação de Casa Branca.

Para ser admitido a este concurso tem o concorrente que mostrar que efectuou na Tesouraria destes Caminhos de Ferro, o depósito provisório de 200\$000 (duzentos escudos), depósito que será feito até às 13 horas do dia 8.

A base de licitação é de 4.000\$000 (quatro mil escudos).

O concorrente a quem a adjudicação for feita, reforçará no prazo de 8 dias, a contar da data em que lhe for comunicada a aprovação, o seu depósito provisório até à percentagem necessária para prefazer 10 % (dez por cento) da importância total da adjudicação.

Os cadernos de encargos e condições estão patentes na Secção do Tráfego do Serviço de Movimento, Tráfego e Reclamações, Palácio Coimbra em Barreiro e na Secretaria da Direcção, Rua de S. Mamede (ao Caldas) 63, em Lisboa, onde poderão ser examinados em todos os dias úteis das 11 às 16 horas.

Lisboa, 21 de Dezembro de 1926.—O Engenheiro-Director, (a) Indício Pimentel.

Biblioteca de Instrução Profissional

Mecânica

Torno e frezador mecânicos..... 15\$00

Desenho de máquinas..... 25\$00

Material agrícola..... 13\$00

Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor..... 13\$00

Problemas de máquinas..... 16\$00

Construção Civil

Acabamentos das construções..... 16\$00

Alvenaria e Cantaria..... 13\$00

Edificações..... 13\$00

Encanamentos e salubridade das habita-ções..... 13\$00

Materiais de construção..... 20\$00

Terraplenagens e alioseres..... 13\$00

Trabalhos de Carpintaria..... 16\$00

Diversas indústrias

Condutor de Máquinas..... 20\$00

Foguetes..... 16\$00

Formador e estuador..... 12\$00

Fundidor..... 13\$00

Piloteiro..... 16\$00

Indústria alimentar..... 12\$00

Indústria do vidro..... 12\$00

Elementos gerais

Algebra elementar..... 13\$00

Arithmetica..... 15\$00

Desenho linear geométrico..... 12\$00

Elementos de electricidade..... 30\$00

Elementos de fisica..... 12\$00

Elementos de Mecânica..... 12\$00

Elementos de Modelação..... 12\$00

Elementos de Projectos..... 16\$00

Elementos de Quimica..... 12\$00

Geometria plana e no espaço..... 13\$00

Fabricante de tecidos..... 13\$00

ESTE SEGURO IMPÕE-SE A TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA garante a sua vida, em caso de morte, com capital de Esc. 5.000\$000 pago imediatamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para a sua velhice uma pensão de Esc. 100\$000 MENSAIS pagos enquanto for vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famílias e para com vós mesmos, segurando-vos em

A MUNDIAL

Companhia de Seguros

Sede — Rua Garrett, 95 LISBOA

IMPORTANTE:

Mediante um ligetrol sobre-prémio, A MUNDIAL põe-vos-há ao abrigo da DOENÇA E INVALIDEZ

A PRESTAÇÕES

Fatos, calçado, sobretudo, peluches, roupas brancas, chapéus, artigos de lã, peles, capas e todos os artigos próprios da estação, mobiliários em ferro e madeira, na antiga e acreditada casa da Rua António Pedro, 52.

FABRICA

candilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON & C.ª

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19

— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

O calçado mais sólido e mais barato de Lisboa vende-se no depósito da Sapataria Brasil, Rua da Madalena, 206 e 212, a quem apresente este anúncio, desconto 5 %.

PELES!!!

A casa que melhor sortido apresenta e que mais barato vende é a

PELARIA CONFIANÇA

3—Rua da Palma—3-A

Esta casa tem sempre um grande stock de malhadas para senhora, vindas directamente das melhores fábricas estrangeiras.

Barreiros & Jesus

TELEF. N. 5691

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiosque

CONSELHO TECNICO

DA

CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua industria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combro, 38-B. 2.ª

Menstruação

Aparece rapidamente seja qual for a causa tomando o

FERREOL

Não prejudica a saúde. Caixa 15\$00. Envia-se pelo correio à cobrança.

FARMACIA CUNHA

R. da Escola Politécnica 16 e 18 LISBOA

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

AVISO AO PÚBLICO

Novo regime tarifário de grande e pequena velocidade

De harmonia com o Decreto n.º 12.863 de 7 de corrente, a partir de 1 de Janeiro de 1927 entre em applicação nas linhas exploradas por esta Companhia a nova tarifa geral para transportes em grande e pequena velocidade, em cujos preços se acham já compreendidos todos os actuais impostos e que anula e substitui a tarifa geral em vigor desde 26 de Fevereiro de 1923.

Até aviso em contrário, continua temporariamente em vigor e sem alteração todo o restante regime tarifário actual.

Fica modificado, somente no que respeita à tarifa geral, o Aviso ao Público A n.º 54 desta Companhia, datado de 21 de Fevereiro de 1923.

N.º B.—O público poderá consultar e obter por compra nas estações desta Companhia a nova tarifa.

Lisboa, 23 de Dezembro de 1926.—O Director Geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, CIÊNCIA E ENSINO	
Abel Botelho—Amanhã.....	16\$00
Alexandre Hercolano	
Lendas e Narrativas (2 volumes).....	18\$00
Cartas (2 volumes).....	18\$00
História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal (3 vols.).....	27\$00
Adolfo Lima	
Contrato do Trabalho.....	10\$00
Educação e ensino.....	5\$00
O ensino da história.....	1\$50
Aquilino Ribeiro	
Anatole France.....	3\$00
Entrada de São Tiago.....	10\$00
Jardim das Tormentas.....	10\$00
Via Sinuosa.....	10\$00
As Filhas da Babilónia.....	10\$00
Terras do Demónio.....	10\$00
Augusto Machado—Impossível redenção (novela).....	\$25
Augusto de Sousa.—Folhas perdidas (Fados).....	10\$00
Bento Faria.—Missas novas (teatro em verso).....	2\$00
Binet-Sanglé.—A loucura de Jesus.....	4\$00
Buckner.—O homem segundo a ciência.....	12\$00
Charles Darwin.—Origem das espécies.....	14\$00
Campos Lima	
O Estado e a evolução do Direito	12\$00
O Amor e a Vida.....	5\$00
Ceia dos Pobres.....	2\$00
A Revolução em Portugal.....	6\$00
Cristiano Lima.—A escola de Nun'Alvares (novela).....	\$25
Duarte Lopes.—Frei Sanguel.....	5\$00
Eça de Queiroz	
O crime do Padre Amaro.....	18\$00
O primo Basílio.....	15\$00
O Mandarim.....	8\$00
Os Minhas (2 vols.).....	28\$00
A Religião.....	15\$00
A Cidade e as Serras.....	12\$00
Frade Mendes.....	9\$00
Casas Ramiões.....	15\$00
Prozas Bárbaras.....	10\$00
Eclos de Paris.....	9\$00
Cartas Familiares.....	9\$00
Cartas de Inglaterra.....	9\$00
Minas de Salomão.....	9\$00
Notas Contemporâneas.....	15\$00
Últimas páginas.....	15\$00
Contos.....	15\$00
Ernesto Haackel	
História da Criação.....	20\$00
Origem do Homem.....	5\$00
Os enigmas do Universo.....	14\$00
Monismo.....	4\$00
Religião e evolução.....	6\$00
As maravilhas da vida.....	14\$00
Faguet.—Iniciação filosófica.....	5\$00
Iniciação literária.....	10\$00
Faria de Vasconcelos	
Problemas escolares.....	5\$00
Por terras de além mar.....	5\$00
Ferreira de Castro	
Sangue Negro.....	2\$50
Sendas de Lirismo e de Amor.....	8\$00
A Peregrina do Mundo Novo.....	6\$00
F. Castro e E. Frias.—A Bêca da Es-tinge.....	8\$00
Flamarion	
Iniciação Gastronómica.....	5\$00
Contos de luar.....	5\$00
Como acabará o mundo?.....	7\$00
Os habitantes dos outros mundos.....	4\$00
Felix de Dantes.—As influências an-ces-trais.....	10\$00
Fialho de Almeida	
Lisboa Galante.....	10\$00
Estâncias de Arte e Saúde.....	9\$00
Figuras de destaque.....	9\$00
Actores e Autores.....	9\$00
Contos.....	9\$00
A Esquina.....	9\$00
Aves Migradoras.....	9\$00
Barbear, Pentear.....	9\$00
Cidade do Vício.....	9\$00
Pasquinadas.....	10\$00
Pais das Uvas.....	9\$00
Saibam quantos.....	9\$00
Vida errante.....	9\$00
Vida íronica.....	9\$00
Guerra Junqueira.—A morte de D. João Musa em férias.....	10\$00
Os Simples.....	7\$00
A velhice do Padre Eterno (En-cadernação de luxo).....	14\$00
Brochado.....	10\$00
Borki.—Os Degenerados.....	4\$00
Os Vagabundos.....	4\$00
Na Prisão.....	2\$50
Isen.—Espectros.....	4\$00
Casa de bonecas.....	5\$00
Jaquet.—História Universal, 2 v. Jaime Cortezão.—Adão e Eva (tea-tro).....	10\$00
José Benedy.—A ciência redentora (novela).....	5\$00
Jesus Pelxoto.—O mestre geral (no-vela).....	\$25

lho? disse Castillon rindo. Queres fazer-nos crer que as peças de artilharia são diferentes umas das outras... —Se são diferentes!... olha pergunta isso aos bons artilheiros, e verás o que eles te respondem... Há pa-tafas de peças com que nunca se pode contar para boa pontaria!... Mas Carmagnole nunca tem caprichos... para onde se aponta é para onde ela arroja os pro-jecteis.

—Cidadãos! disse alegremente o capitão. Cheio de admiração pelo carácter, pelas virtudes e pela bravura da cidadã Carmagnole, proponho que bebamos à saúde dela e dos valentes artilheiros do exército do Rheno!

—A saúde da «Carmagnole»! repetiram os volun-tários em côro. A saúde dos artilheiros do Rheno!

E todos tocaram com os seus copos no de Duche-min, que, grato por esta prova de simpatia pelo seu canhão e pelos seus irmãos de armas, respondeu er-guendo o seu copo:

—Obrigado, camaradas, obrigados! eu darei parte à minha peça do brinde que lhe fizera... e posso afiançar-lhes que, amanhã, ela e eu faremos o nosso dever... Agora por ela e por mim, bebo à saúde dos bravos soldados de Moselle! pela tomada de Lan-dau... Viva a República! Morram os aristocratas, os tnsurados e os jesuítas!

—Tomaremos Landau ou morreremos! exclama-ram os voluntários parisienses com entusiasmo. Viva a República!

—Pois, palavra de honra! disse o parisiense Du-resnel, parece-me que não hei de ter medo amanhã. Viva a República! Morram os aristocratas e os pa-dres!

—Cidadão Duresnel, disse sorrindo o capitão Mar-tim, has de ver que não é mau ir pela primeira vez ao fogo no meio de bons camaradas.

—Começo a pensar assim, capitão! disse Du-resnel.

—Mas houve cá, meu velho! disse Castillon ao artilheiro. O teu amor à tua peça não te deixou con-tar-nos as tuas queixas contra o teu cavalo, o tal patife

